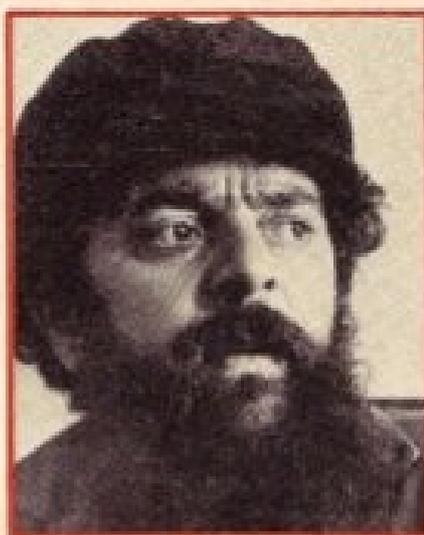


*Ediame*

# FELIX GUATTARI

ENTREVISTA

# LULA



brasiliense

**Editora Q;UADRELLI**

DISTRIBUIDOR DAS EDITORAS:

Brasiliense • Alfa Omega -

Global. Alhambra • P L G -

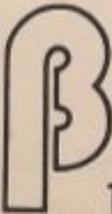
**GROUND**

R. Mariz e Barros. 39 • Ljs. 27 a 29

leis. 273-0448 • 273-0599

Pra-a da Bandeira • Rio de Janeiro

**LIX**  
**TTARI**  
**LULA**  
REVISTA

brasiliense  1982

centenario de monteiro lobate

Copyright © Partido dos Trabalhadores

*Tradução:*

Sonia Goldfeder

*Revisão e Introdução:*

Laymert Garcia dos Santos

*Capa:*

Ademar Assaoka

*Foto de capa:*

Juca Martins/Agência F-4

*Revisão:*

Antônio C. G. Souza



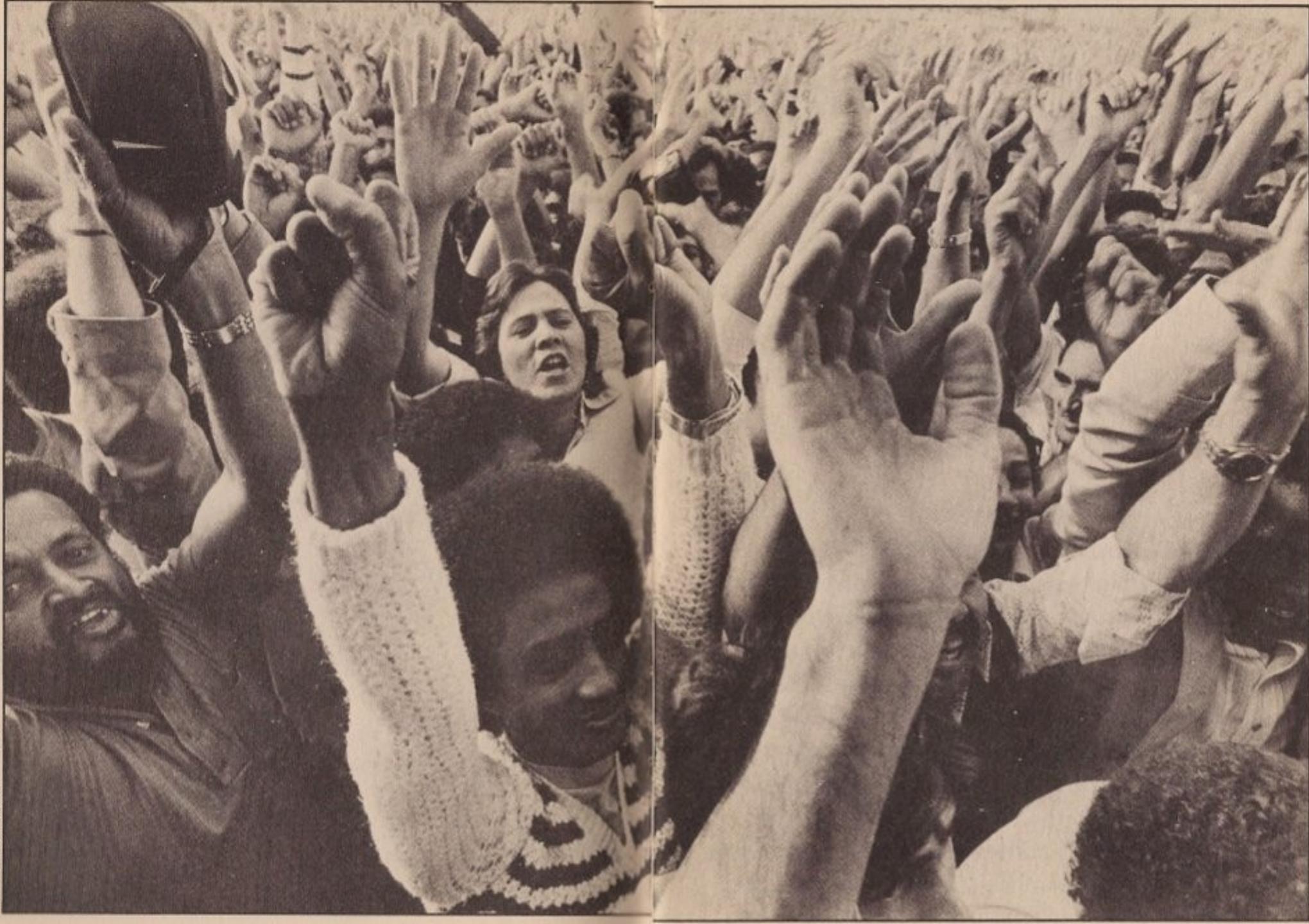
editora brasiliense s.a.  
01223 — r. general jardim, 160  
são paulo — brasil

# FELIX GUATTARI LULA

ENTREVISTA



Agência F-4



---

## FÉLIX GUATTARI

---



Nair Benedicto/Agência FA

Para o leitor brasileiro o entrevistado, Lula, dispensa apresentações. O mesmo não se dá com o entrevistador, o francês Félix Guattari. Se quiséssemos apresentá-lo convenientemente, seria preciso lembrar suas inúmeras facetas: a do psicanalista que trabalha há anos na clínica psiquiátrica de La Borde; a do crítico literário, co-autor de um brilhante ensaio sobre Kafka; a do pensador que, com o filósofo Gilles Deleuze, escreveu uma obra rigorosa, onde questiona os fundamentos da economia política, da antropologia, da lingüística, da psicanálise; a do militante,

ALEXANDRE BASTOS O movimento das rádios livres na França. O que interessa aqui é que Félix Guattari é um grande conhecedor do capitalismo contemporâneo que, por isso mesmo, está voltado para um duplo processo: por um lado, ele observa e analisa diversas formas cunhadas pelo capital em sua expansão planetária; por outro, acompanha os movimentos sociais que criticam o capitalismo e sua contrapartida, o chamado "socialismo real", que nomeiam a exploração e a opressão, que tentam esboçar respostas alternativas em diferentes níveis, que não pedem licença aos poderosos do dia para começarem, já, a procura de "uma nova terra".

Certa vez o jornal francês *Le Monde* chamou Guattari de franco-atirador, por suas intervenções em várias áreas do conhecimento e da política. Mas franco-atirador não é um termo adequado para qualificar a sua atuação; pois o franco-atirador quer agir sozinho, enquanto Guattari sempre deseja o ponto de contato de um plural, de um movimento em movimento; e é esse desejo de ligar-se no *movimento* que o leva ao encontro da autonomia italiana, do Solidariedade polonês, do Partido dos Trabalhadores brasileiro...

# FELIX GUATTARI LULA

ENTREVISTA

**F. G.** — *Na França, hoje, não sabemos direito o que acontece no Brasil, toda essa efervescência de idéias, de vontades de mudança que, por ocasião das próximas eleições do mês de novembro, irão provavelmente afundar a ditadura a que vocês estão submetidos há 18 anos. Nós conhecemos teu nome, nós sabemos da existência do Partido dos Trabalhadores, mas nem suspeitamos da importância que este partido está tomando. A última vez que vim ao Brasil, há três anos, os militantes sindicais de esquerda ainda estavam submetidos a uma dura repres-*

na medida em que os candidatos serão impedidos de ir à televisão. E também em consequência deste novo tipo de cédula eleitoral, adotado ontem, onde a sigla do Partido não aparecerá, e onde o eleitor deverá inscrever o nome completo do candidato que escolheu, o que complicará muito a sua tarefa. Parece-nos que o verdadeiro objetivo do governo, neste negócio, é descaracterizar o sentido das eleições, esforçando-se para obter a anulação de uma grande quantidade de cédulas. Nós, do PT, estamos muito preocupados com estas questões, mas estamos conscientes de que a luta do PT e a luta da classe operária não terminará com o processo eleitoral, que, na realidade, representa para nós um passo a mais na organização da classe operária. É unicamente por esta razão que nós aceitamos disputar as eleições e decidimos apresentar nossos candidatos.

**F. G.** — *E o risco de intervenção direta dos militares?*

**LULA** — Em um país dirigido por militares, há sempre o risco de que a repressão militar possa se acentuar. Enquanto o povo não se organizar, enquanto ele não tiver uma consciência

política, este risco subsistirá. É por isto que a gente diz, no Partido dos Trabalhadores, que a coisa mais importante que temos a fazer é organizar a classe trabalhadora. Em seguida, caberá a ela decidir, por si mesma, o seu destino.

**F. G.** — *O PMDB tenta atualmente exercer um tipo de chantagem sobre o corpo eleitoral, com sua campanha dita do "voto útil", proclamando que o PT não tem maturidade suficiente e que seus dirigentes não têm competência real que justifique sua pretensão de gerir os negócios do país. Este tipo de argumento poderá ter impacto sobre a opinião pública?*

**LULA** — Eu acredito que este argumento possa ter um certo peso de influência sobre o eleitorado. Em primeiro lugar, porque a experiência de participação política de nosso povo ainda é muito restrita. Ao longo de toda a nossa vida, e isso desde a proclamação da República, temos sido tratados como massa de manobra. O povo sempre foi induzido a acreditar que não existia para ele nenhuma possibilidade de se auto-governar e que seria preciso alguém que o dirigisse. Em segundo lugar, devido aos preconcei-

tos de classe existentes em nosso país. Muitos setores das camadas médias, em particular as camadas médias altas, e o conjunto da burguesia nacional consideram que a capacidade das pessoas é medida pela quantidade de diplomas ou pelo acúmulo de renda que têm nos bancos, ou por suas propriedades, seus títulos de comércio, etc. Uma das grandes tarefas do PT é, precisamente, desmistificar este erro histórico, segundo o qual nós só servimos para trabalhar. E provar que a administração de um Estado não é uma questão técnica, mas sim política.

**F. G.** — *Na passeata que atravessou São Paulo, há dois dias, para apresentação pública dos candidatos do PT, uma grande faixa de papel, levada por 4 ou 5 pessoas, trazia a inscrição: "Nós sabemos trabalhar, nós sabemos governar".*

**LULA** — Toda a questão é saber onde está o Estado: do lado do poder econômico ou do lado dos trabalhadores? Nós consideramos que este apelo ao "voto útil" é uma proposta fascista, pois pressupõe que a existência da força política do PMDB depende da inexistência de ou-

tras forças políticas. E nós, no PT, nós defendemos a existência do PMDB, do mesmo modo que defendemos a nossa própria existência.

**F. G.** — *Este "processo de competência" parece-me tanto mais improcedente, na medida em que os dirigentes atuais já deram amplamente provas de sua incompetência e de sua corrupção. Na convenção do PT, no mês de julho, você reafirmou que seu partido não faria nenhum acordo, nenhum compromisso com o PMDB e outras formações da esquerda tradicional. Vocês manterão esta posição depois das eleições? Vocês se recusariam, por exemplo, a participar de uma "coalizão de esquerda" para gerir o Estado de São Paulo?*

**LULA** — Eu não vejo como conseguiríamos conciliar interesses tão divergentes. Eu não acredito que o avanço de uma classe possa depender simplesmente do fato de que alguns de seus membros ocupem cargos oficiais. Eu já fui contactado por uma pessoa do PMDB que explicou que uma das grandes preocupações de seu partido era, se eles ganharem as eleições, obter o apoio do PT, de modo a poder governar tranqüilamente, sem greves, sem CORREÇÕES

304 4 3.

**F. G.** — *O PT nasceu do afluxo do movimento de São Bernardo, depois que a classe operária industrial deu mostras de que ela era capaz de se engajar em lutas políticas de envergadura, às quais poderiam se associar o conjunto dos membros da classe operária e também das camadas médias, intelectuais, etc. Eu sei também que o PT se preocupa, igualmente, com os interesses dos camponeses; ele, inclusive, formulou o primeiro e verdadeiro programa de reforma agrária para o Brasil. Mas o PT não permanece, ainda hoje, essencialmente, o que eu chamaria “um partido das cidades”? De que bases de apoio ele dispõe no campo?*

**LULA** — Eu diria que, proporcionalmente, o PT é mais forte no campo que nas cidades. Principalmente no Norte e no Nordeste do país. A acusação segundo a qual nós seríamos um partido somente dos grandes centros perdeu o sentido, na medida em que nosso trabalho no campo desenvolveu-se consideravelmente. Mas é um trabalho difícil, que se dá em condições financeiras terríveis, onde faltam meios de locomoção, por exemplo, o que é um problema

cruel num país tão grande quanto o nosso. Creio, entretanto, que, pela primeira vez na História deste país, nós concretizamos o velho sonho que a esquerda brasileira nunca pôde realizar: a união dos trabalhadores do campo com os da cidade.

**F. G.** — *Muitos católicos estão no PT. Diz-se mesmo que ele tem o apoio do episcopado. Que tipo de relação a Igreja estabelece com o seu partido? Será algo comparável com o que existe na Polônia entre a hierarquia religiosa e uma parte da direção do sindicato “Solidarnosc”, consultas regulares, mediação com os poderes estabelecidos, etc.?*

**LULA** — Não. Este tipo de relação com a Igreja não existe aqui. O que existe, na verdade, é que, a partir de Puebla,<sup>2</sup> a Igreja brasileira, ou melhor, uma parte da Igreja brasileira, decidiu fazer uma opção na questão da organização do povo oprimido. Foi a partir daí que as comunidades de base e os bispos “progressistas” começaram a aparecer. E o que sucede é

2. Lula faz alusão ao encontro de Puebla, no México, em janeiro de 1979, por ocasião da 3.ª Conferência Episcopal Latino-Americana (CELAM), com a presença do Papa João Paulo II.

que as formas de organização que eles propõem coincidem com as do Partido dos Trabalhadores. Nenhum bispo orienta os cristãos a se inscreverem no PT. Mas eu acredito que todos — ou ao menos uma grande parte — orientam o cristão a adotar critérios para que escolham seus partidos e seus candidatos, e isto também coincide com as propostas políticas do PT. Ora, qualquer outro partido poderia adotar formas de organização semelhantes às que nós preconizamos; aí a orientação atual da Igreja poderia beneficiar a todos.

**F. G.** — *O programa econômico do PT prevê uma reapropriação coletiva de grandes meios econômicos, como bancos, complexos industriais, para liberá-los do domínio dos monopólios nacionais e das multinacionais. Isto não implicaria numa certa concepção subjacente das futuras relações entre o Estado, a economia e a sociedade? Que forma, segundo você, deveria tomar essa coletivização? A de uma nacionalização de caráter estatal, ou a de um processo mais auto-gestionário?*

**LULA** — Se eu devesse responder de pronto a uma tal questão, eu diria que as coisas se orien-

tariam mais em direção a um sistema de estatização. Entretanto, é preciso estar com os pés no chão, e saber que os processos de transformação não se dão porque queremos, mas sim em virtude das forças políticas sobre as quais eles se apóiam. Se, numa primeira etapa, nós pudéssemos fazer uma nacionalização,<sup>3</sup> isso já seria muito importante, mas o objetivo final continua sendo a estatização. Mas é preciso que as coisas estejam claras: essa estatização só terá sentido no quadro de um Estado democrático, onde o povo poderá gerir e administrar suas indústrias e seus bancos em benefício da coletividade e não em benefício das burocracias do Estado. Nós devemos ser realistas; as propostas do Partido dos Trabalhadores não podem ser sonhadoras: hoje, nós não temos nem delegados sindicais, nem comissões de fábrica. Se nós conseguirmos obter isto, já será um passo decisivo, que poderia ser seguido de outros passos, nos aproximando desta forma de uma co-gestão, do acesso à contabilidade das empresas, com poder

3. Lula parece distinguir aqui uma fase de "nacionalização" correspondendo a uma política de salvaguarda da economia nacional, contra o domínio internacional, e uma fase de "estatização" propriamente dita. (Nota de F.G.)

de decisão para discutir projetos e investimentos. Em seguida, chegaríamos à etapa de nacionalização, e acumularíamos forças para passar enfim à estatização. É como se estivéssemos subindo uma escada de 16 degraus: se não subirmos um a um, arriscamos cair e quebrar a perna. Nós não queremos ir com sede ao pote. Nós queremos é matar nossa sede! Por isto, precisamos ter cuidado!

**F. G.** — *Você não vê, portanto, no alto de sua escada, um modelo constituído, de tipo soviético, chinês ou cubano?*

**LULA** — Não, de forma nenhuma. E aliás, nem francês, nem sueco!

**F. G.** — *Você quer forjar um outro tipo de Estado, um outro tipo de sociedade. Mas não há uma contradição entre esta perspectiva criadora e a maneira pela qual o PT se define hoje como organização centralista? Eu li os estatutos do PT. Eles se parecem muito com os de qualquer partido comunista ou socialista tradicional.*

**LULA** — Você fala dos estatutos oficiais! Estes estatutos são os mesmos para todos os partidos. Mas a prática do PT é completamente diferente.

Por exemplo, os estatutos do PT prevêem convenções com um delegado para cada municipalidade. O PT inventou uma outra "figura": a da pré-convenção descentralizada, aberta à participação de muito mais delegados. As convenções oficiais só servirão para referendar as decisões das convenções ampliadas. Apesar de todas as imperfeições, o PT conseguiu criar um sistema de núcleos de base, garantindo que todas as decisões passem por um processo de discussão a nível local e de tal modo que as instâncias nacionais disponham sempre de uma representação exata do que pensa na realidade o conjunto do partido.

**F. G.** — *Eu tive a oportunidade de verificar o que você acabou de dizer quando encontrei militantes do Comitê local do PT de Pinheiros, comitê em torno do qual juntaram-se diversos grupos que se qualificam de "autônomos" (ecologistas, feministas, homossexuais, etc.). Este comitê defende posições que parecem bastante minoritárias, marginais em relação às do conjunto da organização. Certas instâncias hierárquicas do PT tentaram proibir, para as próximas eleições, a candidatura de Caty Koltai, que apre-*

senta, em seu nome, um programa de estilo um tanto quanto "situacionista". Finalmente, foi uma convenção, do tipo desta a que você se referiu, que resolveu a questão, aprovando a candidatura de Caterine Koltai por aclamação, após a leitura pública do programa em questão.

Nós temos uma expressão na França para qualificar a linguagem esclerosada, dogmática de muitos dos militantes: nós dizemos que eles falam uma "língua de pau" ("langue de bois"). Com relativo sucesso, um certo número de experiências de rádios-livres, na Itália e na França, tentaram substituir esta "língua de pau" por meios de expressão melhor adaptados aos grupos sociais reais, às minorias, às diferentes sensibilidades. Vocês também têm em mente a criação de rádios-livres, que não estejam nem sob o controle do Estado, nem dos partidos, nem de grupos comerciais?

**LULA** — Nós ainda não estamos a ponto de criar médias alternativas! Mas penso que chegaremos lá. Somente é preciso compreender que estamos no Brasil, não na Europa. E um outro universo, uma outra formação política, uma outra experiência de luta! Mas acreditamos que chegaremos lá, pois é a única forma de nos li-

berarmos da dependência das médias *ô ï ã ã*.

**F. G.** — *Como os intelectuais são vistos no seio do PT? Existe entre eles e o movimento social novos tipos de relação? Eu penso, por exemplo, naqueles que se instauraram na Polônia dentro do "Solidarnosc".*

**LULA** — Um fato muito importante, no interior do PT, é a desmistificação da distância entre o intelectual, o estudante, o camponês e o trabalhador. O PT aproximou as pessoas; ele criou novas relações de fraternidade e lá as pessoas se sentem mais iguais. Eu acredito mesmo que uma das razões do grande sucesso que conhece este partido se deve ao fato de que nele não existem divergências baseadas na posição social e origem de classe de seus membros. Na verdade, este tipo de preconceito existia menos na classe operária que em outros setores da sociedade. Eu acredito sinceramente que as pessoas vivem livremente dentro do PT.

**F. G.** — *Na passeata do PT que atravessou São Paulo, havia algumas faixas de solidariedade ao "Solidarnosc". Isto corresponde a uma posição de conjunto do PT ou a uma posição minori-*

tária?

**LULA** — É uma posição oficial do PT, se bem que estas faixas que você viu são as de uma tendência do PT, chamada Convergência Socialista/Liberdade e Luta, que, aliás, nasceu em Paris.

**F. G.** — *Você encontrou-se com o Lech Walesa, antes de sua prisão, quando você foi à Europa. O PT manteve relações com os dirigentes exilados do "Solidarnosc"?*

**LULA** — Não, pois logo após a onda de prisões do mês de dezembro, nós tínhamos enviado dois ofícios ao escritório do Solidariedade em Londres e não tivemos resposta. (O último nos foi, inclusive, devolvido!)

**F. G.** — *Qual foi a posição do PT durante a guerra das Malvinas?*

**LULA** — O PT se pronunciou contra a demonstração de força da Inglaterra, mas também contra a ditadura dos militares argentinos. Nós achamos, no PT, que o general Galtieri tentou dar um "golpe de mestre" para fazer com que o povo argentino esquecesse seus problemas internos: os 30 mil desaparecidos, a inflação a

150%, etc. Resultado: isto não resolveu nada no plano interno e a Argentina saiu completamente desmoralizada da questão. O mais grave nisto tudo é que as vidas humanas perdidas não serão jamais recuperadas. De qualquer modo, esta guerra deixou claro uma coisa: que os países desenvolvidos vão sempre preferir se ajudar, em vez de serem solidários com os países subdesenvolvidos. E um exemplo disso foram os americanos que, mesmo sendo os maiores credores da Argentina, não hesitaram em abandonar este país para apoiar a Inglaterra.

**F. G.** — *Você aprova a palavra de ordem "As Malvinas são argentinas"?*

**LULA** — Esta questão foi muito debatida dentro do PT. Nós a discutimos um dia inteiro. Minha posição é que as Malvinas pertencem à Argentina.

**F. G.** — *No mínimo, elas pertencem ao continente latino-americano!*

**LULA** — Perfeitamente! Mas é preciso também não esquecer que seus primeiros proprietários foram franceses. E é preciso levar também em consideração os 2 mil ingleses que vivem ali há

tanto tempo. Mas a América Latina e a Argentina têm direito sobre essas ilhas.

**F. G.** — *Se eu compreendi bem, você não aprovou a posição assumida por uma grande parte da esquerda argentina sobre esta questão.*

**LULA** — Não. Eu fui até convidado a participar de uma reunião no Peru, onde diversos setores da esquerda argentina proclamaram sua intenção de voltar a Buenos Aires — inclusive os Montoneros — para apoiar o General Galtieri. Eu me recusei a ir. Em momento algum, o PT apoiaria não só a Guerra das Malvinas, como também o General Galtieri. Com a esquerda, na América Latina — sobretudo a esquerda ligada aos partidos comunistas argentino e brasileiro — nunca se sabe se estamos, na verdade, à esquerda ou à direita!

**F. G.** — *Qual é a posição do PT a respeito das ameaças de intervenção dos Estados Unidos na Nicarágua, em El Salvador ou em Cuba?*

**LULA** — Nós estamos solidários com todos os povos oprimidos do mundo. Nós achamos que o povo salvadorenho deve resolver, ele mesmo, seus problemas, sem nenhuma ingerência dos

Estados Unidos. Do mesmo modo, o povo da Nicarágua e os outros povos da América Latina. Seria melhor que o governo americano acabasse com o racismo e o desemprego nos Estados Unidos, em vez de se preocupar com um bloqueio eventual de Cuba ou da Nicarágua. Nós achamos, no PT, que Reagan é apenas presidente dos Estados Unidos e não presidente do mundo.

**F. G.** — *Não há uma espécie de fatalidade, para os países que tentam sair da zona de influência norte-americana, de se acharem como que aspirados por um outro imperialismo, o da União Soviética? E isto, por todo tipo de razões: econômicas, estratégicas, etc...?*

**LULA** — O que é preciso, na verdade, é criar condições que nos permitam não depender nem do imperialismo americano nem do imperialismo soviético.

**F. G.** — *O PT mantém relações privilegiadas com a Internacional Socialista?*

**LULA** — Não. No PT nós não nos preocupamos em estabelecer compromissos com nenhuma das internacionais existentes. Aliás, enquanto estivermos em fase de crescimento, as ques-

tões ideológicas não poderão ser colocadas em sua amplitude, no PT. Seria prematuro se engajar a nível internacional. Nós esperamos estabelecer relações estreitas com todas as forças democráticas do mundo e isto só será possível se não fizermos opções ideológicas de cúpula, antes que a base faça suas próprias escolhas.

**F. G.** — *Eu te agradeço por ter respondido tão francamente às minhas questões.*

**LULA** — De meu lado, eu gostaria de conhecer teu ponto de vista sobre a política atual do Partido Socialista Francês. Ele está colocando em prática o que propunha antes das eleições?

**F. G.** — *Comecemos pela política internacional. François Mitterrand afirmou a vontade da França — particularmente em Cancun — de não deixar o campo livre à política imperialista americana no 3.º Mundo. Mas isto não o impediu de levar seu apoio a Margareth Thatcher e a Reagan na questão das Malvinas! Por outro lado, os socialistas franceses afirmaram, de viva voz, sua solidariedade à resistência do povo polonês. Mas eles não querem tocar na questão do comércio com a URSS, por exemplo. Negócios*

*são negócios! Após um encaminhamento sinuoso, ambíguo, com relação à política de Israel, a França decidiu levar uma certa ajuda aos povos mártires do Líbano e da Palestina. Parece-me que estamos sempre num movimento oscilante. Em certas regiões do mundo, como a África, a política parece ainda menos evidente. É verdade que é mais fácil para a França ser antiimperialista na América Latina, que na África!*

**LULA** — Por que mais fácil?

**F. G.** — *Porque na África o governo socialista tem que se haver com gestão de toda uma herança neocolonialista. Apesar disso, creio que há, assim mesmo, certos aspectos positivos na política internacional da França. Por exemplo, a denúncia feita por Jack Lang, ministro da Cultura francês, no México, diante da Unesco, das práticas norte-americanas em matéria de "exportação cultural", sobretudo no domínio da televisão e do cinema. Sua idéia de uma cooperação de novo tipo entre os diferentes componentes do que ele chama as culturas latinas poderia ser, igualmente, interessante. Portanto, nem tudo é negativo neste plano, longe disso! Por outro lado, o que me parece muito mal en-*

*cetada é a política interna. Após um período que podemos chamar de "estado de graça", porque foi vivido em meio à surpresa e à espera de grandes mudanças, com medidas de revalorização do nível de vida das categorias mais desfavorecidas e, sobretudo, medidas para a salvaguarda das liberdades (supressão dos tribunais de exceção, libertação dos prisioneiros políticos, abolição da pena de morte, etc.) o governo pouco a pouco se atolou na crise: ele se debate e não consegue resolver a inflação, o desemprego, a fuga dos capitais, a paralisação dos investimentos, a queda das exportações, etc. E vem, progressivamente, gerindo o país quase como o teria feito um governo conservador. O fundo da questão é que o Partido Socialista não tem uma verdadeira política de transformações sociais. Ele se preocupa com o dia-a-dia e se comporta, cada vez mais, como um partido clássico. Agora há pouco, eu te perguntei sobre os estatutos do PT, formais demais, rígidos demais para o meu gosto. Mas com o PS é outra coisa! Não só os estatutos que estão esclerosados! No PT, vocês tentam, no mínimo, colocar a questão do respeito à autonomia dos diversos componentes sociais e minoritários, que se associam*

*à ação do Partido. Sem dúvida, há sempre problemas! Fique tranqüilo, não estou idealizando o PT! Mas, na França, esse tipo de problema não se coloca, ou só aparece em período eleitoral, quando se trata de angariar votos. Eu sei que a questão das minorias e das marginalidades se coloca, no Brasil, em termos bem diferentes e em escala muito maior, a tal ponto que todos os partidos atuais se confrontam com o problema. Mas na França também existem fenômenos de marginalização social, de minoração subjetiva, que dizem respeito a grupos cada vez mais numerosos e a categorias sociais cada vez mais amplas. Diante destas questões, que estão, na verdade, no centro da crise, a sociedade francesa cochila num conformismo temeroso e sonha com sua glória passada. Nestes últimos tempos, provocações terroristas serviram de pretexto para uma retomada de um tema batido: "a segurança antes de tudo", e fala-se de novo numa "rede de controle informatizada" da sociedade, no estilo da Alemanha Ocidental. Sei muito bem que não se pode esperar tudo de um partido, e que podemos imputar o impasse atual, em larga medida, às incidências internacionais da crise. Mas, tudo está ligado, e não se pode,*

*indefinidamente, diluir as responsabilidades de um partido que não responde às aspirações de mudança em função dos quais foi eleito. Se os socialistas não se decidirem a modificar seu próprio modo de funcionamento enquanto partido do poder, sua concepção de intervenção no campo social — ou melhor, a ausência evidente de qualquer perspectiva concreta nesse campo — então é claro que um abatimento, uma perda irreversível de confiança acabará se instaurando entre a maioria daqueles que os levaram ao poder. E a França recairá, mais uma vez, nas mãos dos piores bandos reacionários. Apesar das diferenças de contexto, sempre consideráveis e, aliás, evidentes, acredito que certos problemas sociais tendem, cada vez mais, a atravessar os países e até os continentes. Para mim, o “Solidarnosc” na Polônia, o PT no Brasil, são espécies de experiências em grande escala que tentam inventar novos instrumentos de entendimento e de luta coletiva e mesmo uma nova sensibilidade e uma nova lógica política e micropolítica. As conquistas e os fracassos destas experiências não concernem somente a Polônia e Brasil, mas também todos aqueles que, em condições diferentes, se chocam com os mes-*

*mos tipos de impasses de organização, burocratismo, esclerose... Na verdade, isto acontece em toda a superfície do planeta e em todos os níveis sociais e individuais, a começar pelo nível mais imediato da linguagem. Eu fiquei sinceramente fascinado com a leitura de uma coletânea de tuas entrevistas e de teus discursos,<sup>4</sup> por tua liberdade de tom, pelo teu modo, por exemplo, de falar de Ghandi, de Mao, de Castro ou de Hitler, sem nenhuma das costumeiras precauções, sem clichês e mesmo se aventurando de modo, por assim dizer “imprudente”, em considerações intempestivas. Você não parece se dar conta de que algumas vezes as tuas propostas poderiam ser voltadas contra você, você parece confiar “a priori” na boa fé dos teus interlocutores.*

**LULA** — A grande força, a melhor arma do PT é justamente isto — o não dogmatismo. Por que ele se parece no mundo inteiro... Por exemplo, quando fui à Itália, participei de uma reunião com o grupo “Manis festo”, e lá também a gente pôde perceber com muita clareza que as pessoas são doutrinadas pela cartilha. E somente

<sup>4</sup> Lula — Entrevistas e Discursos — Editora O Repórter, Guarulhos Ltda., 1981.

depois é que chegam à prática. Mas nós, nós acreditamos que a prática deve ser estreitamente ligada à teoria. Se não, não faz nenhum sentido! Não nos interessa discutir a teoria se o próprio povo também não estiver disposto a discuti-la! É preciso, antes, despertar seu interesse! É evidente!

**F. G.** — *A esse respeito, você não tem a impressão de que coexistem, igualmente, no interior do PT, muitos componentes militantes, tradicionais, dogmáticos? Será que os velhos grupelhos que também investiram no PT, estão evoluindo de seu lado?*

**LULA** — A tendência é, antes de tudo, à sua “diluição” no interior do PT, sem que haja, no entanto, “patrulhas ideológicas”. Quanto mais numerosos forem os trabalhadores dentro do PT, menos haverá motivo para a sobrevivência de tais tendências.

**SUELI ROLNICK** — *Certos candidatos operários do PT encontram grandes dificuldades para levar adiante suas campanhas, pois eles dispõem de menos tempo e de menos condições materiais que os outros.*

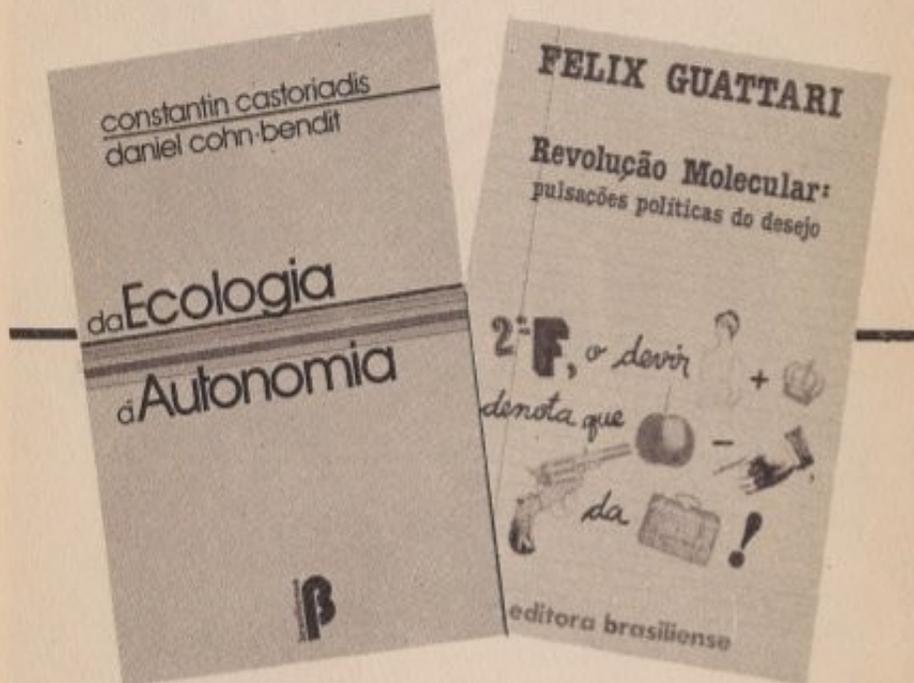
**LULA** — Este é um problema muito sério no interior do Partido. Nós temos todo interesse em eleger um máximo de candidatos operários. Mas temos dificuldades para criar condições que permitam aos trabalhadores candidatos fazer uma campanha semelhante aos outros candidatos. A isto se acrescenta o fato de que muitos dos líderes operários, que poderiam se eleger tranquilamente deputados no Parlamento ou nas Assembléias estaduais, foram obrigados a apresentar sua candidatura para os cargos de senador e governador de Estado. Mas, para poder consolidar a legalização do Partido, seria preciso que dispuséssemos de uma base de candidatos a mais ampla possível.



# Da Ecologia à Autonomia

C.Castoriadis / Daniel Cohn Bendit

Quais as relações entre as questões colocadas pelo movimento ecológico e os problemas políticos mais amplos da atualidade? a luta contra a destruição da natureza pode ser separada do combate por uma transformação radical da sociedade e da cultura?



## A Revolução Molecular: Pulsões Políticas do Desejo

Felix Guattari

A dignidade do homem só será recuperada quando houver o reconhecimento de que a economia política não pode ser dissociada da economia do desejo. O direito ao encontro possível, o direito ao encontro do possível.



---

Atualmente, reina no Brasil um clima inteiramente novo, já que muitos desejos de transformação, relativos a categorias sociais as mais diversas, parecem ter-se encarnado no movimento do qual o PT tornou-se articulador. A tal ponto que a direita parece não ser mais capaz de conduzir o jogo a seu modo, como fazia antes. A consolidação dos direitos do trabalhador, a instauração de um mínimo de democracia política, o desenvolvimento de novos espaços de liberdade para as minorias que se engajam com vocês realmente parecem muito próximos.

**Félix Guattari**

Nós estamos conscientes de que a luta do PT e a luta da classe operária não terminará com o processo eleitoral, que, na realidade, representa para nós um passo a mais na organização da classe operária.

**Lula**

brasiliense

**-at**

---